

Panorama dos Estudos Sobre Gêneros Textuais

Vicentina Ramires
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo:

Neste ensaio apresentamos uma visão panorâmica sobre os estudos de gêneros textuais, ressaltando-se os paradigmas de diferentes correntes e como o conceito de gênero textual foi sendo formulado nessa trajetória, de modo que seja possível apresentar um quadro um pouco mais nítido dessa nova orientação nos estudos da linguagem. Esses estudos, que constituem as chamadas escolas – a norte-americana, a de Genebra, a de Bakhtin, entre outras –, têm orientado as análises de gêneros na perspectiva de que esses sejam considerados em seus aspectos sociocomunicativos e funcionais, e não em seus aspectos formais (estruturais ou lingüísticos).

Palavras-chave: gêneros textuais; comunidade discursiva; interacionismo sociodiscursivo

Abstract:

In this essay, we present some of the most important theories in text genre studies and the development of different approaches in order to have a clearer view of this recent concern in linguistics studies. These influential studies (often grouped in schools -- North American, Geneva, Bakhtin, among others) focus on socio-communicative and functional aspects, rather than the formal ones (structural and linguistic) in genre analysis.

Key-words: text genre; discourse communities; socio-interacionism.

Résumé:

Cet essai présente une vision panoramique autour des études des genres textuels, mettant en relief les paradigmes des différents courants et comme le concept de genre textuel vient d'être reformulé dans cette trajectoire, d'une façon d'être possible présenter un tableau un peu plus clair de cette nouvelle orientation dans les études du langage. Ces études, qui constituent les écoles, connues comme – la nort-américainne, celle de Genebre, celle de Bakhtinne, entre autres – ont orientées les analyses des genres dans la perspective de que ceux-ci soient considérés dans ces aspects sociocommunicatifs et fonctionnels, et pas dans ces aspects formels (de la structure ou linguistique).

Mots-clés: genre du discours; communauté du discours ; interaction du discours social.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS¹

Nos últimos trinta anos, pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento têm-se dedicado mais sistematicamente ao estudo de gêneros e isso pode ser confirmado pela crescente expansão do número de publicações que tratam especificamente desse tema. Ainda que tais estudos se apresentem sob

¹ Algumas das obras consultadas não têm tradução em Português. Optamos por traduzir as citações diretas, salientando que essas são de nossa responsabilidade.

abordagens diferentes, a ponto de constituírem o que se pode chamar de “escolas” — a norte-americana, a australiana (ou de Sydney), a de Genebra, a de Bakhtin, entre outras —, pode ser constatado como um dos pontos comuns entre eles o fato de reconhecerem explicitamente a primazia do social na compreensão dos gêneros e no papel do contexto (Freedman & Medway 1994:10).

Essa noção básica que orienta as pesquisas sobre gêneros rompe definitivamente com as abordagens tradicionais sobre língua/linguagem — alicerçadas nos paradigmas da Gramática Tradicional — e com as abordagens estruturalistas, as quais não dão mais conta de responder dúvidas, inquietações, problemáticas e desafios que se colocaram para os estudos centrados na palavra, na frase ou na estrutura interna do texto, ou seja, seus traços formais ou propriedades lingüísticas.

Em artigo que trata da questão dos gêneros, da definição e distinção dos tipos textuais, Marcuschi (2002:20) salienta a natureza maleável, dinâmica e plástica dos gêneros: “Eles surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem”, o que exige que sejam analisados em seus aspectos sócio-comunicativos e funcionais, e não por seus aspectos formais (estruturais ou lingüísticos).

Essa noção, ao mesmo tempo em que representa um avanço nos estudos da língua, desperta também um problema para os estudiosos, uma vez que suas bases de análise são heterogêneas, múltiplas e fluidas, ao contrário dos critérios para análises formais, que são estanques, homogêneos e restritos. Classificar gêneros, então, constitui-se um desafio para aqueles que se recusam a enquadrar eventos comunicativos essencialmente dinâmicos em esquemas ou modelos pré-definidos. Não se quer negar com isso que uma certa organização é desejável, mas a problemática de como descrever gêneros se firma, portanto, conforme questionamento de Machado (1998:2):

Se a noção de gênero contribui, certamente, para explicar o uso efetivo da linguagem, isso não quer dizer que ela se encontre suficientemente clara e que haja critérios precisos, claros, para a

descrição dos seus componentes [...] [Daí a pergunta:] Como descrever gêneros?

Não parece ser tarefa das mais fáceis para o analista a identificação e a tentativa de organização de gêneros, uma vez que, segundo Bronckart (sd:4), deverão ser consideradas diferentes séries de critérios potenciais: os propriamente psicológicos (que tratam do tipo de ação engajada e do tipo de processos cognitivos mobilizados); os critérios pragmáticos (que são as decisões que todo locutor deve fazer para realizar um ato de produção verbal) e os critérios lingüísticos (que são as decisões a tomar para realizar concretamente um texto no quadro das regras de uma dada língua natural).

A ênfase num ou noutro critério de análise, ou mesmo na combinação deles, dá origem a abordagens diversas, cujas bases nem sempre divergem radicalmente, mas definem os modelos teóricos de um ou outro estudo, bem como as terminologias e categorias diferenciadas que os caracterizam.

Nesse caso, a perspectiva dos estudos de gêneros textuais não objetiva classificar textos, uma vez que a ênfase desses estudos está na análise da funcionalidade sociocomunicativa e não nos traços formais ou propriedades lingüísticas, conforme poderemos constatar nas diversas abordagens teóricas sobre as quais trataremos em seguida.

Assim, uma primeira consideração a se fazer sobre gêneros é a de terem estes um caráter sociocomunicativo, serem situados concretamente em contextos sociais de uso, regulados por normas definidas pelas diversas comunidades de diferentes culturas, cujas atividades são representadas na linguagem. Outra consideração importante, decorrente dessa primeira, é que, sem se descuidar totalmente de seus aspectos formais ou estruturais, o seu estudo enfatiza suas propriedades sociocognitivas, ou seja, suas propriedades funcionais. É assim que, na análise de gêneros, enfocam-se, principalmente, os componentes sociais, históricos, culturais e cognitivos, que lhes dão concretude e lhes determinam.

Feitas essas considerações mais gerais, cabe agora tratar de algumas das contribuições mais relevantes aos estudos sobre gêneros, as quais têm mudado não apenas as perspectivas de ensino de língua, mas colocado em questão a própria concepção de texto que vem sendo defendida nos últimos 30 anos. Serão discutidas três abordagens desses estudos: a) a visão de gêneros de Bakhtin, que serviu de base para quase todos os estudos sobre gêneros; b) a escola norte-americana, com as contribuições de Carolyn Miller, John Swales, Charles Bazerman e c) a escola de Genebra, com Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart.

A teoria de gêneros de Bakhtin

Não se pode falar em gêneros textuais, ou análise de gêneros, sem mencionar a importante contribuição da obra de Bakhtin, sobretudo as teses apresentadas em *Estética da Criação Verbal* (2000), especialmente na parte intitulada “Os gêneros do discurso”, em que é discutida a problemática dos gêneros textuais em suas formas de interação nas diversas esferas das atividades sociais. Antes de entrarmos nessa discussão propriamente dita, cabem algumas observações sobre determinados conceitos bakhtinianos que fundamentam o entendimento dessa questão, entre eles o de *dialogismo* e o de *interação verbal*, de que trataremos em seguida.

Dialogismo e interação verbal

Nos estudos sobre gêneros uma das referências mais relevantes é a de Mikhail Bakhtin, cujos estudos sobre linguagem estabeleceram um marco na lingüística moderna e orientaram a maioria das teorias de enunciação hoje conhecidas. A formulação de seus conceitos tem como eixo central a idéia de que a linguagem se situa no interior das relações sociais mantidas pelos indivíduos, o

que se contrapõe explicitamente a duas tendências marcantes do pensamento filosófico-lingüístico do começo do século passado: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Tratadas em detalhes na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (Bakhtin/Volochinov 1999)², essas duas tendências servem como referência de contraposição nos demais escritos de Bakhtin, que situam a linguagem como prática social. Na primeira orientação, o psiquismo individual constitui o fundamento da língua, ou seja, o fenômeno lingüístico é um ato de criação individual, cujas leis advêm da psicologia também individual. Na segunda orientação, o centro organizador da enunciação é o sistema lingüístico que o indivíduo recebe da sociedade, já constituído, estável e imutável (1999:79).

A análise crítica dessas duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico, no dizer de Bakhtin, foi mais contundente na segunda, o objetivismo abstrato. Para, enfim, sustentar a tese de que a enunciação é de natureza social — idéia que permeia toda sua obra —, Bakhtin (1999:103) afirma que o objetivismo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala, como sendo individual, ao contrário do subjetivismo idealista, que só leva em consideração a fala, e conclui:

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social.* (grifo do autor)

Sendo a enunciação uma prática social, indissociável das relações que mantêm os interlocutores, Bakhtin (1999:121) reitera que: “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (grifo do autor). Essa tese inter-relaciona-se com outra tese fundamental da teoria bakhtiniana: a de *interação verbal*.

² BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. A data das referências bibliográficas, dessas e de todas as obras consultadas neste trabalho, correspondem às edições com que trabalhamos.

A ênfase na interação verbal, própria da concepção bakhtiniana pode ser confirmada sobretudo nas formulações sobre o papel que assume o interlocutor na enunciação, determinando a organização e a função do discurso, ou seja, a palavra variará segundo as posições sociais que ocupam os indivíduos nos grupos sociais; os laços que mantêm entre si (1999:112); se o destinatário é mais ou menos próximo; se é concreto ou representado; se é percebido com maior ou menor clareza. Se a palavra representa o produto da interação entre os falantes socialmente organizados, atuando num contexto específico de produção de linguagem, é porque “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém” (1999:113). Esse outro princípio da teoria bakhtiniana, o *dialogismo interacional*, tem sido objeto de inúmeros estudos, que seguem, segundo Cunha (2002), basicamente duas tendências: a) na primeira, o dialogismo é tratado de modo bastante restrito, com ênfase na análise das formas, cuja preocupação baseia-se em critérios tipográficos ou lingüísticos; b) na segunda, analisa-se “a dinâmica da interação entre o discurso de outrem e o contexto no qual ele aparece, para compreender as posições dos sujeitos, que podem ser aliados ideologicamente, adversários, portadores de verdade, de erro, etc.” (p. 169).

Bakhtin, mesmo reconhecendo a força da interação verbal que se estabelece entre enunciador e destinatário do texto, para quem o discurso é orientado e, intrinsecamente, determina a estrutura do discurso, ameniza o papel deste último ao afirmar que: “O autor nunca pode entregar-se totalmente e entregar toda a sua produção verbal unicamente à vontade absoluta e definitiva de destinatários atuais ou próximos.”(Bakhtin 2000: 356).

Esse “outro”, segundo o próprio Bakhtin (2000:356), “não tem nada de místico ou de metafísico [...] e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto”. Tal análise se dá a partir da compreensão dos papéis que ele assume (Garcez 1998): a) é parceiro no diálogo, determinando sua configuração; b) o enunciador compreende sua enunciação a partir da possibilidade de compreensão do outro; c) fornece a matéria-prima do discurso.

É assim que o conceito bakhtiniano de dialogismo como condição de sentido do discurso pode ser desdobrado em dois aspectos, conforme discutem Fiorin e Barros (1999): a) a interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto; b) a intertextualidade no interior do discurso. A partir da noção do primeiro — que consiste nas relações entre os participantes da enunciação, considerando a situação social em que essa produção se insere — e do jogo de vozes no discurso que constitui o segundo, situa-se toda a problemática do estudo sobre gêneros do discurso, tratada por Bakhtin em sua obra “Estética da Criação Verbal” (2000), na parte intitulada “Os gêneros do discurso”, sobre a qual trataremos em seguida.

Os gêneros em Bakhtin

Um dos primeiros postulados importantes de Bakhtin sobre a questão dos gêneros é o reconhecimento de que os enunciados são o produto das atividades humanas que refletem as condições e finalidades dessas esferas, por seu conteúdo, estilo e construção composicional. Assim, cada uma dessas esferas elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, chamados por Bakhtin de “gêneros do discurso” (Bakhtin 2000:279).

Ao mesmo tempo em que ressalta a “estabilidade” nos gêneros produzidos por determinadas esferas, Bakhtin observa que a imensa variedade de gêneros (orais e escritos) cria uma dificuldade para definir o caráter genérico do enunciado, embora não se possa dizer que não haja um terreno para seu estudo. No entanto, a definição desse terreno não parece ser a preocupação central de Bakhtin, uma vez que ele ressalta ser o mais importante considerar a diferença essencial existente entre o que ele denomina de “gênero de discurso primário” e “gênero de discurso secundário”.

Os *gêneros primários*, considerados simples, se constituem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, e são a base para a

constituição dos *gêneros secundários*³. Estes últimos (romance, teatro, discurso científico, discurso ideológico, etc), considerados complexos, aparecem em circunstâncias de comunicação mais complexa e evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica (2000:281).

A relação que Bakhtin (2000:285) ressalta entre estilo e gênero pode ser percebida nas mudanças históricas que foram sofrendo os estilos de uso da língua e as repercussões na língua escrita, conforme se pode depreender desta passagem:

As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. A língua escrita corresponde ao conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação, dentro do sistema da língua escrita, se encontram num estado de contínua mudança.

É assim que a língua escrita é marcada tanto pelos gêneros secundários como pelos gêneros primários ao longo das mudanças das práticas sociais. Ao contrário do que se poderia concluir da divisão que faz o autor entre gêneros primários e secundários, a língua escrita não é a modalidade própria destes últimos, pois ela se amplia, ao incorporar, conforme salienta Bakhtin (2000:285-286),

[...] diversas camadas da língua popular [acarretando] em todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc, o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso.

³ Swales (1992), em trabalho sobre gêneros no qual analisa algumas posições de Bakhtin, avalia essa distinção entre gêneros primários e gêneros secundários e não concorda com o fato de Bakhtin considerar essa diferença tão acentuada e fundamental, e ao mesmo tempo postula terem os secundários sua gênese nos primários. Cf. SWALES, John M. **Re-thinking genre: another look at discourse community effects**. Apresentado no "Re-thinking Genre Colloquium, Universidade de Carleton, Ottawa, abr. 1992. [Tradução de Benedito Gomes Bezerra — Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva].

Esse “lugar reservado ao ouvinte” — que, no caso da língua escrita, transforma-se em “leitor”, “interlocutor”, ou mesmo “o outro” — é ressaltado, na teoria bakhtiniana, pela natureza dialógica do texto escrito, que decorre do fato de que toda palavra busca uma compreensão responsiva ativa (2000:306), ou, segundo as palavras do próprio Bakhtin (2000:320): “O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário” (grifo do autor).

Ao fazer essa afirmação, Bakhtin retira das relações meramente lingüísticas o peso absoluto sobre as análises que deverão ser feitas sobre gêneros textuais e fortalece o elo entre os sujeitos sócio-historicamente situados e o enunciado. Isso pode ser explicado pelas palavras de Garcez (1998:63):

Assim, o texto escrito, enquanto ação com sentido, constitui uma forma de relação dialógica que transcende as meras relações lingüísticas, é uma unidade significativa da comunicação discursiva que tem articulações com outras esferas de valores. Exige a compreensão como resposta, e esta compreensão configura o caráter dialógico da ação, pois é parte integrante de todo o processo da escrita e, como tal, o determina.

A concepção de destinatário na teoria bakhtiniana é tão expressiva, conforme já vem sendo ressaltada neste texto, a ponto de determinar a escolha do gênero do enunciado, o que pode ser confirmado nessa passagem: “Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero” (Bakhtin 2000:321).

Isso considerado, a elaboração do discurso, portanto, leva em conta não só a resposta concreta do destinatário durante esse processo, como também a antecipação dessa resposta, que pode ser presumida antes mesmo de ser enunciada. A imagem do destinatário e as expectativas que se criam em torno dele, no processo discursivo, segundo Bakhtin (2000:321), “determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos lingüísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado”.

As considerações que fazemos sobre o outro (quem é, o que sabe, suas opiniões, convicções, preconceitos, etc) determinarão a escolha do gênero do enunciado, dos procedimentos composicionais, dos recursos, do estilo do enunciado. Para sintetizar essa questão do destinatário, e sua relação indissolúvel com o enunciado, ligando-a a um princípio geral da teoria bakhtiniana, transcrevemos este trecho de Bakhtin (2000:325):

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso.

Ainda que possam ser consideradas mais complexas para fundamentar atividades de análises de gêneros — exatamente por não se constituírem em modelos —, as idéias de Bakhtin podem servir de base metodológica para as análises que pressupõem a concepção de gênero como sendo atividade de linguagem de sujeitos sócio-historicamente situados em relação dialógica de interação verbal. Nesse aspecto, se não foi Bakhtin o pioneiro, foi ele, sem dúvida, um marco com essa abordagem nos estudos sobre gêneros.

A Escola Norte-americana

Nos estudos mais tradicionais sobre gêneros, a ênfase recaía sobre os aspectos textuais, numa abordagem muito mais descritiva que analítica, próxima dos modelos de estudos sobre os textos literários. Abordagens mais recentes procuram ir além dessa tendência para buscarem compreender os gêneros textuais a partir de uma visão articulada entre os processos sociais e os diversos usos da língua.

Não se abandonou de todo, nessas análises, a contribuição teórica dos estudos que procuravam descrever as semelhanças de forma e conteúdo caracterizadoras dos gêneros e que, de certa forma, estabeleciam modelos padronizados a partir dessas características. Pode-se dizer, no entanto, que o avanço desses estudos mais recentes tenta “vincular essas semelhanças lingüísticas e substantivas a regularidades das esferas de atividades humanas” (Freedman & Medway 1994:1). Assim, nessa perspectiva dos estudos sobre gêneros, a relação entre o reconhecimento dessas regularidades e uma mais ampla compreensão social e cultural da língua em uso é indissociável.

Várias pesquisas têm sido desenvolvidas nessa perspectiva e todas procuram observar de que forma os fatores sociais, culturais, institucionais entram em cena na produção de diferentes gêneros, e, ao mesmo tempo, de que forma a criação textual interfere nas relações sociais das atividades humanas. Nesse grupo de estudiosos incluem-se aqueles que formam a Escola Norte-Americana de Estudos sobre gêneros textuais, dentre os quais dedicaremos atenção, neste trabalho, principalmente às contribuições de Miller (1984; 1994), Bazerman (1994; 2000) e Swales (1990; 1992).

Gênero como ação social e artefato cultural — a perspectiva de Miller

Os trabalhos de Carolyn Miller de 1984 e 1994⁴, numa perspectiva de articulação entre os processos sociais e os usos da linguagem, propõem mostrar como a compreensão de gêneros pode ajudar no modo como enfrentamos, interpretamos, reagimos e criamos certos textos, e como modelos hierárquicos de

⁴ Na coletânea organizada por Freedman & Medway (1994), “Genre and the new rhetoric”, há dois artigos de Carolyn Miller. O primeiro, *Genre as Social Action* (p. 23-42), considerado um clássico nos estudos sobre gêneros, foi publicado pela primeira vez em 1984, no *Quarterly Journal of Speech*, n. 70 (p. 151-167), e, 10 anos depois, apresentado na íntegra, nessa coletânea, junto com o artigo *Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre* (p. 67-78). Para situar convenientemente esses dois artigos em seus diferentes anos de produção, utilizaremos nas referências do primeiro o ano da primeira publicação (1984), embora o texto a que tivemos acesso se encontre na referida coletânea de 1994.

comunicação podem ajudar a esclarecer a natureza e a estrutura de determinada ação retórica. A partir dessa premissa, o conceito de gênero passa a ser entendido como ação social, no sentido de que “... se gênero representa ação, deve envolver situação e motivação, porque ações humanas, simbólicas ou de outro tipo, são interpretadas somente num contexto de situação e pela atribuição de motivações” (Miller 1984: 24).

Criticando as teorias clássicas de gêneros, Miller (1994) aponta três problemas que não podem deixar de ser considerados na definição de gêneros retóricos. O primeiro deles — central para o entendimento de gênero como ação social — diz respeito à relação entre retórica e contexto. Em segundo lugar coloca-se a questão da compreensão do modo como se fundem traços situacionais e formais nos gêneros. Por último, ressalta-se o problema de se situar o gênero numa escala hierárquica de generalizações sobre os usos da língua.

Um aspecto fundamental ressaltado nas formulações de Miller sobre gênero é a noção de “recorrência”, que vai fundamentar toda a compreensão de gênero como ação social. Assim, os gêneros são definidos como ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes. Essas situações recorrentes são explicadas pela autora como sendo “construtos sociais, que são o resultado, não da ‘percepção’, mas da ‘definição’”. Uma vez que a ação humana é baseada e guiada por significação, não por causas materiais, no centro da ação está um processo de interpretação” (Miller 1984: 29).

Essa autora também faz referência ao conceito de motivação ou intenção, que predomina nos gêneros, a ponto de “motivação tornar-se um propósito social convencionalizado, ou exigência, dentro da situação recorrente. Ao construir discursos, lidamos com propósitos de diferentes níveis, não apenas um. Aprendemos a adotar motivações sociais como modo de satisfazer intenções particulares através de ação retórica” (Miller 1984:35-36).

A autora também reconhece que a abordagem sobre gêneros que defende não permite uma classificação, uma vez que os gêneros mudam, desenvolvem-se

e deixam de existir. O que importa para a compreensão de gêneros pode ser resumido nos princípios seguintes que Miller (1984:37) postula:

1. Gênero refere-se a uma categoria convencional do discurso baseado numa tipificação de larga escala da ação retórica; como ação, adquire significação da situação e do contexto social da qual a situação emerge.
2. Como ação significativa, gênero é interpretável por meio de regras; regras de gênero ocorrem num nível relativamente alto da hierarquia de regras para interações simbólicas.
3. Gênero distingue-se de forma: forma é o termo mais geral usado em todos os níveis da hierarquia. Gênero é uma forma num nível particular que é a fusão de formas de nível mais baixo e características substanciais.
4. Gênero serve como substância de formas em níveis mais altos; como modelos recorrentes de uso da linguagem, gênero ajuda a constituir a substância de nossa vida cultural.
5. Um gênero é o meio retórico de mediar intenções particulares e exigências sociais; ele motiva ao conectar o público e o privado, o singular com o recorrente.

Assim, a perspectiva sobre gêneros proposta pela autora tem implicações não só para a crítica e a teoria, mas também para a educação retórica. Nesse ponto fica claro o interesse de Miller com a relação entre gêneros e ensino, ao enfatizar que “aprendemos a compreender melhor as situações nas quais nos encontramos e o potencial para o fracasso e o sucesso agindo juntos”, e, para o aluno, “gênero serve como a chave para compreender como participar das ações em comunidade” (Miller 1984: 39).

Em artigo posterior, publicado nessa mesma coletânea⁵, Miller retoma as posições que defendia anteriormente, enfatizando agora o conceito de gênero como “artefato cultural”. Essa noção é de tal forma importante que, para a autora, parece ser possível caracterizar uma cultura pelo seu grupo de gêneros: “O grupo de gêneros representa um sistema de ações e interações que tem lugares e funções sociais específicos bem como repetidos ou recorrentes valores e funções” (Miller 1994:70).

⁵ MILLER, Carolyn. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, Aviva & MEDWAY, Peter. *Genre and the new rethoric*. UK/USA: Taylor & Francis Publishers, 1994.

Os postulados de Miller sobre gêneros textuais enfatizam a importância da retórica, que requer ações próprias de uma comunidade — de concordância e discordância, compreensões compartilhadas, de inclusão do “outro” — provendo um conjunto de recursos que configuram os gêneros, os quais, nessa dimensão pragmática já aqui comentada, representam a força das ações sociais.

Gêneros e propósitos sociais — os estudos de Bazerman

Outra contribuição importante para os estudos sobre gêneros textuais na abordagem norte-americana são os trabalhos desenvolvidos por Charles Bazerman, apoiados principalmente nas teorias dos atos de fala de Searle e Austin. Num dos célebres trabalhos desse autor, publicado em coletânea organizada por Freedman & Medway (1994), já mencionada, Bazerman (1994:79) apresenta uma visão de sistemas de gêneros (com referências aos atos de fala de Searle e Austin), por meio de análise de textos de patentes, cuja proposta é: “...apresentar uma visão de como as pessoas criam instâncias individuais de significação e valores no interior de campos discursivos estruturados e assim agem dentro de sistemas sociais altamente articulados”.

A tese principal que Bazerman defende reside no fato de que os indivíduos avançam em seus interesses, moldam suas significações no interior de complexos sistemas sociais, atribuem valores e avaliam consequências de interações verbais ao utilizarem diferentes gêneros. Na esteira da teoria de gêneros desenvolvida por Miller (1984; 1994), já anteriormente discutida, e por Swales (1990; 1992), Bazerman preocupa-se com o desenvolvimento de tipos simples de textos através de usos repetidos em situações percebidas como semelhantes.

Sem pretender fazer uma classificação de gêneros textuais, o autor, nesse estudo sobre patentes, apresenta a noção de sistema de gêneros como forma de se reconhecerem instâncias de atos sociais. Para os analistas de atos de fala, a tarefa de estudos sobre gêneros pode ser simplificada e estabilizada quando são levados em consideração os comportamentos em contextos institucionais ou

altamente regularizados (Bazerman 1994:88), o que permite situar esses estudos no interior das relações sociais das ações humanas.

Sobre a noção de sistema de gêneros desenvolvida por Bazerman, são os seguintes os pontos considerados relevantes:

- Os gêneros encontram-se inter-relacionados uns aos outros em contextos específicos.
- A noção de sistemas de gêneros amplia a do conceito de grupo de gêneros.
- O grupo de gêneros representa, contudo, apenas o trabalho de um lado da múltipla interação da pessoa.
- O sistema de gêneros seria o conjunto completo de gêneros que dão instância à participação de todas as partes.

Reforçando a tese de que os gêneros fornecem a compreensão de como muitas funções, relacionamentos e práticas institucionais se desenvolvem, Bazerman (2000), em pesquisa sobre diferentes cartas, sustenta que estas exercem forte influência na formação de gêneros exatamente porque se constituem em ações de linguagem entre duas partes em relacionamentos e circunstâncias específicos, o que, em outras palavras, significa dizer que é explícita a socialização que decorre desse grupo de gêneros.

Criticando estudos tradicionais sobre esses gêneros textuais, Bazerman (2000:27) faz as seguintes observações:

Na medida em que a socialização de textos é freqüentemente uma questão de compreensão social implícita, internalizada em nosso reconhecimento de que gêneros moldam atividades comunicativas, ler e escrever têm sido equivocadamente tomados como processos de simples forma e significado, separados de circunstâncias sociais, relações e ações.

Tais colocações mudam, junto com os postulados desenvolvidos por outros representantes da Escola Norte-americana, a perspectiva de estudos sobre

gêneros textuais, colocando-os no âmbito da questão que envolve a compreensão das interações verbais articulada à compreensão das relações entre indivíduos sócio-historicamente situados.

Gêneros e propósitos comunicativos — a abordagem swalesiana

Um dos mais produtivos pesquisadores sobre gêneros textuais nessa nova perspectiva de articulação entre linguagem e práticas sociais nos estudos norte-americanos é John Swales. Dentre os trabalhos do autor destaca-se “Genre Analysis”⁶, um estudo sobre os modos de uso da linguagem em contextos específicos, particularmente na comunidade acadêmica, com ênfase para os artigos de pesquisa. Nessa abordagem, Swales (1990) desenvolve e faz uso de três conceitos: comunidade discursiva, gênero e tarefas de aprendizagem de língua, os quais são fundamentais para a compreensão e constituição de gêneros.

- **Comunidades discursivas** são redes sócio-retóricas que se formam em direção a determinados objetivos comuns. Uma das características que estabelece os membros dessas comunidades discursivas é a familiaridade com gêneros específicos utilizados.
- **Gêneros** são propriedades das comunidades discursivas, ou seja, pertencem às comunidades discursivas, não a indivíduos. São classes de eventos comunicativos, que possuem tipicamente características de estabilidade.
- **Tarefas** são procedimentos/atividades de processamento de textos.

A linha que une esses três elementos é o *propósito comunicativo*, outro conceito importantíssimo desenvolvido por Swales, que é o critério para estabelecer a identidade do gênero e este opera como determinante primário da tarefa (1990:10).

⁶ SWALES, John M. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Swales dedica grande parte de seu “Genre Analysis” para desenvolver cuidadosamente os conceitos de *comunidade discursiva*, *gênero* e *tarefa*.

Uma questão prévia para o esclarecimento do conceito de *comunidade discursiva* é o fato de que não há consenso sobre sua noção. Numa formulação mais precisa, com base em seis características definidoras, Swales (1992), após reformulações — tentando reparar a falta de referência à inegável contribuição de Bakhtin, em seus trabalhos anteriores sobre gêneros, reconhecendo, inclusive, como aquele, o caráter relacional dos gêneros e de sua conseqüente análise —, então, conceitua *comunidade discursiva* como sendo:

- 1) Uma comunidade discursiva possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados pública e explicitamente e também ser no todo ou em parte estabelecidos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos mas relacionados (velha e nova guardas; pesquisadores e clínicos, como na conflituosa Associação Americana de Psicologia).
- 2) Uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros. (Não houve mudança neste ponto. Sem mecanismos, não há comunidade).
- 3) Uma comunidade discursiva usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para prover o incremento da informação e do *feedback*; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional. [...]
- 4) Uma comunidade discursiva utiliza uma seleção crescente de gêneros no alcance de seu conjunto de objetivos e na prática de seus mecanismos participativos. Eles freqüentemente formam conjuntos ou séries (Bazerman).
- 5) Uma comunidade discursiva já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica.
- 6) Uma comunidade discursiva possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

Alguns pontos remanescentes dessa discussão sobre comunidade discursiva podem ser resumidos na compreensão de que indivíduos podem pertencer a diferentes comunidades discursivas e podem variar em número de

comunidades discursivas a que pertencem e no número de gêneros que comandam. Portanto, a definição de práticas discursivas e comunidades discursivas se dá a partir de critérios pragmáticos e operacionais, que determinam a produção variada de gêneros.

Para elaborar o conceito de *gênero textual*, Swales (1990:34-44) considera o termo a partir de seu uso em estudos folclóricos, passando pelos literários e lingüísticos até chegar aos estudos de gêneros em retórica. Para Swales (1990:42), “a contribuição da lingüística no estudo de gêneros repousa na ênfase dada a: (a) gêneros como tipos de eventos comunicativos direcionados a objetivos; (b) gêneros como tendo estruturas esquemáticas; e mais importante (c) gêneros como dissociados de registros e estilos”. Em retórica, estudiosos têm uma abordagem mais indutiva e tendem a considerar mais o contexto, dando um lugar mais central aos gêneros. É assim que muitos estudiosos da retórica, com uma orientação indutiva e/ou histórica, acentuam a recorrência de formas similares na criação de gêneros.

Finalmente Swales chega à definição de gênero, que vai orientar seus estudos e influenciar diversos outros estudiosos que seguem sua linha, principalmente Bathia (1993). Parece-nos relevante para a compreensão do conceito considerar o que lembra Swales (1990:58):

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros partilham um dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos *experts* membros da comunidade de discurso e com isso constituem a base lógica para o gênero. Essa base modela a estrutura esquemática do discurso, influencia e condiciona a escolha do conteúdo e do estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado e um critério que opera para atingir o escopo de um gênero tal como aqui grosseiramente concebido e focado em ações retóricas comparáveis. Em aditamento ao propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais altas forem realizadas, o exemplar será visto como prototípico pelos membros da comunidade de discurso. Os nomes dos gêneros herdados e produzidos pelas comunidades de discurso e importados

por outras constituem valiosas comunicações etnográficas, mas que tipicamente necessitam de validação posterior.

Ainda que não se refira à teoria bakhtiniana⁷ nos postulados sobre gênero em seu “Genre Analysis”, Swales (1990:62) reconhece a relação dialógica que se estabelece entre o autor do texto escrito e seu leitor, por exemplo, ao se esforçarem, ambos, no processamento da produção de sentidos de um texto, a partir do engajamento semântico que os une, num contrato de reação e contra-reação, que se dá com base nas considerações feitas pelo primeiro, entre outras coisas, sobre os conhecimentos prévios do leitor e seu potencial, e, pelo segundo, pelas interrogações feitas sobre as posições do autor.

Das três noções desenvolvidas por Swales, a de *tarefa* apresenta-se como a mais vaga. Comparando três abordagens de ensino de língua — a) centrada na língua; b) centrada no aluno e c) centrada na aprendizagem —, o autor é ainda evasivo ao postular que uma abordagem centrada em gêneros *provavelmente* se concentrará na atenção que o aluno voltará sobre as ações retóricas e sobre os meios lingüísticos e organizações para essa realização (Swales 1990:82).

Comentando a natureza fluida e contingente nas formações das comunidades discursivas, e de como é importante identificar esses aspectos na análise dos gêneros, Swales (1992) observa que o fato de se repensar a comunidade discursiva pode nos ajudar a repensar o gênero. Essa observação é extremamente valiosa para os propósitos do nosso trabalho, particularmente porque a nossa análise sobre os gêneros textuais produzidos por alunos universitários estará intimamente vinculada à análise da comunidade acadêmica onde esses textos são produzidos.

Ressaltando a necessária articulação com a noção de comunidade discursiva e de tarefa, Swales (1990:92) salienta que o fato de se considerar gêneros “como instrumentos de ação retórica que têm poder generativo” não pode estar dissociado de “uma reflexão crítica no sentido de se assegurar que nossos

⁷ Swales vai se redimir desse fato em outro escrito seu (1992), ao declarar explicitamente o fato de ter ignorado tão relevante contribuição.

alunos, na continuação de suas vidas, não estão alheios às consequências sociais de suas próprias ações e daquelas que já estavam disponíveis anteriormente”.

A Escola de Genebra — interacionismo sociodiscursivo: uma concepção do desenvolvimento humano

Das correntes teóricas desenvolvidas sobre os gêneros textuais, uma das que mais fortemente se volta para a questão do ensino de língua materna é a perspectiva adotada pelos estudiosos que compõem a chamada Escola de Genebra, cujos representantes mais expressivos são Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart.

Com influência nítida de Bakhtin e Vygotsky, Schneuwly (1994), em um dos seus mais comentados estudos sobre gêneros e tipos textuais, “Gêneros e tipos textuais: considerações psicológicas e ontogenéticas”⁸, faz uma reflexão sobre relações entre tipos e gêneros, ontogênese da linguagem e características dos gêneros secundários e defende que um gênero pode ser considerado como *instrumento psicológico* no sentido vygotskiano do termo.

De Bakhtin pode-se dizer que Schneuwly adotou a noção da tripla dimensão constitutiva de um gênero, ou seja, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo. Então, tal como Bakhtin (2000), Schneuwly (1994:5) entende que:

Mesmo sendo mutáveis, flexíveis, os gêneros têm uma certa estabilidade: eles definem o que é dizível (e, inversamente, o que deve ser dito define a escolha de um gênero); eles têm uma composição: tipo de estruturação e acabamento e tipo de relação com os outros participantes da troca verbal; [...] um plano comunicacional; [...] são caracterizados por um estilo que deve ser considerado não como um efeito da individualidade do locutor, mas como elemento de um gênero [...].

⁸ SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e tipos de textos: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: Y. Reuter (ed) (1994) *Les Interactions Lecture-Écriture (actes du Colloque Théodile-Crel)*: 155-173. Bern: Peter Lang. (trad. de Roxane Helena Rodrigues Rojo).

Essa noção fica mais clara em outro escrito de Schneuwly, em parceria com Dolz (1997)⁹, quando esses autores ressaltam que,

para definir um gênero enquanto meio de atividade de linguagem, três dimensões parecem essenciais: 1) os conteúdos e os conhecimentos que podem ser ditos através dele; 2) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes ao gênero; 3) as configurações específicas das unidades de linguagem, traços notadamente da posição enunciativa do enunciador e dos conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam a estrutura.

De Vygotsky, a influência mais marcante nos trabalhos desenvolvidos por esse grupo é expressa pela preocupação com o desenvolvimento da linguagem, em que Schneuwly (1994) demonstra interesse pela transformação profunda que se realiza com a entrada da criança na escola, ocasionada pelo contato com os conceitos de gênero primário e secundário.

Ao tratar das diferenças entre esses dois gêneros, e ao revelar a interseção entre as influências de Bakhtin e Vygotsky, Schneuwly (1994) entende que os gêneros secundários não são espontâneos. Seu desenvolvimento e sua apropriação implicam um outro tipo de intervenção nos processos de desenvolvimento, diferente daquele necessário para o desenvolvimento dos gêneros primários. Por outro lado, nos gêneros primários há dominância de relações espontâneas, cotidianas, imediatas, tipo particular de aprendizagem. Desse modo, a construção de um gênero secundário implica dispor de instrumentos já complexos, para cuja criação os gêneros primários são os instrumentos.

O caráter nitidamente psicológico do pensamento de Schneuwly pode ser identificado no ponto em que esse autor afirma que o funcionamento eficaz dos gêneros secundários exige

⁹ SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Les genres scolaires. Des pratiques langagières aux objets d'enseignement. **Repères**, n. 15, 1997.

a existência e a construção de um aparelho psíquico de produção de linguagem, que não funciona mais na 'immediatez' [tal como nos gêneros primários], mas que pode se basear na gestão de diferentes níveis relativamente autônomos. (...) Isso significa a existência de níveis de decisão, de operações discursivas transversais em relação aos gêneros. (Schneuwly 1994: 9).

Reforçando mais ainda essa noção sobre gênero como instrumento, Schneuwly e Dolz (1997), no artigo "Les genres scolaires. Des pratiques langagières aux objets d'enseignement", sustentam que o gênero é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. Segundo esses autores, as práticas de linguagem implicam as dimensões ao mesmo tempo sociais, cognitivas e lingüísticas do funcionamento da língua no interior de uma situação de comunicação particular. Para analisá-las, as interpretações que fazem os agentes da situação são centrais, as quais dependem da identidade social dos atores e das representações que eles fazem dos possíveis usos da linguagem e das funções que eles privilegiam em vista de suas trajetórias. A *atividade de linguagem* aparece, portanto, como interface entre o sujeito e o meio e responde a um motivo geral de representação-comunicação. Essas atividades de linguagem podem ser decompostas em *ações de linguagem* não diretamente articuladas aos motivos, mas orientadas pelos propósitos intermediários advindos da vontade consciente, e que resultam numa representação de seu efeito no quadro da cooperação e da interação sociais.

Nesses estudos sociointeracionistas, uma ação de linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e/ou memorizar um conjunto organizado de enunciados orais ou escritos. Considerando as diferenças da forma oral e escrita, entre produção, compreensão ou memorização, podem-se distinguir diversas modalidades instrumentais de realização de ações de linguagem. Toda ação de linguagem implica, por sua vez, diversas capacidades da parte do sujeito: adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação), mobilizar

modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas) (Schneuwly & Dolz 1997).

É preciso compreender que tais práticas de linguagem a que se referem Schneuwly e Dolz (1997) se internalizam nos aprendizes através dos gêneros, e é nesse sentido que esses podem ser considerados como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação. É assim que, pelo uso e pela aprendizagem, o gênero pode ser considerado como um “*mega-instrumento*” que fornece um suporte à atividade nas situações de comunicação.

Reconhecendo a necessidade de elaboração de modelos didáticos de gêneros, Schneuwly e Dolz (1997) propõem uma revisão dos gêneros escolares a partir da aplicação de três princípios no trabalho didático, a saber: 1) princípio de legitimidade (referente aos saberes reconhecidos ou de especialistas); 2) princípio de pertinência (referente às capacidades dos alunos, às finalidades e objetivos da escola, aos processos de ensino/aprendizagem); 3) princípio de solidariedade (em coerência com os saberes em função dos propósitos visados). A aplicação de qualquer um desses princípios não é independente dos outros, e a profunda imbricação entre eles constitui uma das dimensões da constituição do objeto escolar. A partir do estudo de diferentes gêneros textuais, os autores apresentam modelos didáticos sistematizados para planejar o ensino, elaborar seqüências, pensar a progressão e conceber possibilidades de diferenciação.

Esses modelos didáticos — que atualmente são utilizados no sistema educacional suíço — têm servido de referência para muitos pesquisadores diretamente ligados à questão do ensino e da aprendizagem. No Brasil, as idéias sobre gêneros e tipos de discurso e linguagem oral estão inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais¹⁰.

¹⁰ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) constituem um conjunto de documentos elaborados por educadores e técnicos do Ministério da Educação, que visam “propiciar aos sistemas de ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno” (MEC — Secretaria de Educação Fundamental).

A noção de instrumento que subjaz a tais modelos não deve, entretanto, ser confundida com a noção instrumental da língua, tal como era posta nas abordagens tradicionais do ensino. Instrumento — ou ferramenta, como é denominado por algumas interpretações de Schneuwly —, o gênero textual, além de ampliar as capacidades individuais do aprendiz, também amplia seu conhecimento sobre as práticas lingüísticas e sociais das quais o gênero é objeto. Em outras palavras, a perspectiva dos estudos de gêneros de Schneuwly, voltada para o ensino e o desenvolvimento, revela que o ensino de diferentes gêneros textuais que estão disponíveis em nossa realidade não somente contribui para melhorar a competência lingüístico-discursiva dos alunos, mas também cria e aponta formas de participação social pelas práticas de linguagem que se internalizam nesses alunos. Esse posicionamento nos leva na direção dos postulados da Escola Norte-americana, já aqui mencionados, principalmente dos estudos de Miller (1994), nos quais o gênero é considerado como ação social.

Nessa mesma direção, num movimento que vai das *práticas de linguagem* — dimensão mais social, cognitiva e lingüística do funcionamento da linguagem — às *ações de linguagem* — unidades psicológicas sincrônicas que reúnem as representações de um agente sobre contextos de ação em seus aspectos físicos, sociais e subjetivos —, Bronckart (1999)¹¹ avalia a constituição dos gêneros textuais praticamente com os mesmos parâmetros de Schneuwly e Dolz (1997), e enfatiza a influência de Vygotsky na formulação da teoria do interacionismo sócio-discursivo.

Sem negar a existência de um sistema formal e estável que funda a língua, Bronckart (1999) frisa que este sistema não tem a autonomia que lhe atribuem as correntes gerativistas ou os modelos mentalistas e biologizantes, que dominaram durante muito tempo as investigações sobre ensino e produção de linguagem. Nessa perspectiva, e assumindo uma posição filosófica que serve de base para toda sua investigação dos gêneros, Bronckart ressalta que toda a produção lingüística é uma ação situada e social. Desse modo, as atividades de linguagem

¹¹ BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

se realizam concretamente na forma de textos, os quais são unidades interativas socialmente situadas num espaço e num tempo, distribuídas num número ilimitado de gêneros.

Abandonando a noção de “tipo de texto” para adotar a noção de “gênero de texto” como forma comunicativa, e tipo de texto como forma lingüística, Bronckart (1999) propõe uma tipologia baseada em critérios de distinção de mundos discursivos e arquétipos psicológicos, que dão lugar, por sua vez, aos tipos de discurso, que constituem, no interior dos textos, as seqüências características do ponto de vista de sua estrutura ou planificação. São esses tipos de discurso que compõem todos os gêneros existentes.

Síntese avaliativa das contribuições aos estudos de gêneros

Neste ensaio procuramos fazer uma leitura referente às contribuições desses estudos. Qualquer negação da relevância destes em sua totalidade deixa de considerar que, sem exceção, os aqui mencionados superam ou tentam superar as análises lingüísticas tradicionais, que deixavam de ver o texto em sua integralidade ou o viam isolado de suas situações de produção. Sem dúvida, há vários aspectos dessas abordagens que deixaram de ser aprofundados ou de ser considerados por alguns desses estudiosos, como, por exemplo: a exclusão dos aspectos psicológicos na teoria de Swales, recuperados por Bhatia; a predominância da análise mais formal dos gêneros feita pelos estudiosos da Escola de Sydney; a ausência de elementos mais concretos de análise na abordagem de Miller; e os fatores envolvidos com esses estudos na perspectiva da nova retórica.

Para a análise de gêneros desenvolvida neste estudo, elegemos como fundamentais os estudos feitos na perspectiva sociointeracionista inspirada em Bakhtin. Ainda que consideremos as demais teorias, conforme já acentuamos, entendemos que a abordagem interacionista responde mais propriamente aos

questionamentos feitos no início desta investigação, além de poderem fornecer as bases para a formulação de nossas categorias de análise nos próximos capítulos.

Assim, sintetizamos no quadro seguinte os pressupostos teóricos formulados por esses estudos, que contribuíram particularmente para a nossa análise de gêneros.

Síntese das contribuições dos estudos de gêneros	
Os estudos de Bakhtin	• O princípio de <i>interação verbal</i>, que permite identificar, na análise de gêneros, os graus de distanciamento e aproximação entre interlocutores na situação comunicativa e a definição de seus papéis sociais na organização dos discursos. • O princípio <i>dialógico</i>, em que se verifica o jogo das vozes no discurso, o qual se elabora em vista do outro, que o condiciona e o unifica. • A noção da tripla dimensão constitutiva de <i>gêneros primários e secundários</i>, que situa a análise de gêneros no interior de condições específicas de produção e de finalidades das diferentes esferas das atividades humanas.
A Escola Norte-americana	• O conceito de gênero como <i>ação social</i>, interpretada num contexto de situação e intenção comunicativa. • O conceito de gênero como <i>ação retórica</i>, que permite entender a organização do discurso pelas funções que cada movimento retórico desempenha. • A noção de <i>comunidade discursiva</i> de Swales, permitindo compreender que as organizações sócio-retóricas se formam para atingir objetivos comuns, utilizando gêneros específicos, como é o caso da comunidade acadêmica.
A Escola de Genebra	• A <i>dimensão sociointeracionista</i> na análise de gêneros textuais e a noção de gênero como mega-instrumento (Schneuwly) como suporte às atividades de linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. 1999. *Linguistique textuelle: Des genres de discourse aux textes*. Paris: Nathan.
- BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV. 1999. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, M. 2000. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BAZERMAN, Charles. 2000. Letters and the social grounding of differentiated genres. In: BARTON, David. & HALL, Nigel. *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing. p. 15-29.

- _____. Systems of Genres and the Enactment of Social Intentions. In: FREEDMAN, Aviva & MEDWAY, Peter. *Genre and the new rethoric*. UK/USA: Taylor & Francis Publishers, 1994. (p. 79-101).
- _____. *Theories of Genres: The Shape of Communicative Action*. (Course – Spring, 1995. English Department University of California, Santa Barbara). Disponível em: <http://www.english.ucsb.edu/faculty/bazerman/>. Acesso em: março de 2003.
- BRONCKART, Jean Paul. *Genres de textes, types de discours et opérations psycholinguistiques*. Voies-Livres, Lyon (sd).
- _____. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CUNHA, Dóris de A. C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: CYSNEIROS, Paulo G. *Ler e escrever na Universidade*. Disponível em: cysne@ufpe.br, 2002.
- DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY. Genres et progression en expression orale et écrite. Éléments de réflexions à propos d'une expérience romande. *Enjeux Revue de Didactique du Français*. 37/38. 1996. p. 48-74.
- FIORIN, José Luiz e BARROS, Diana Pessoa de. (orgs)1999. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP.
- FREEDMAN, Aviva & MEDWAY, Peter. 1994. *Genre and the new rethoric*. UK/USA: Taylor & Francis Publishers.
- GARCEZ, Lucília. 1998. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: Ed. UNB.
- MACHADO, Anna Rachel.1998.*Gêneros de textos, heterogeneidade textual e questões didáticas*. ABRALIN, na 50ª Reunião da SBPC, Natal. Simpósio sobre gêneros do discurso: algumas abordagens. p. 33 a 65.
- MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria (orgs). 2002. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 19-36.
- MILLER, Carolyn R. 1994 (1984) Genre as Social Action. In: FREEDMAN, AVIVA & MEDWAY, Peter. *Genre and the new rethoric*. UK/USA: Taylor & Francis Publishers, p. 23-42.
- _____. Aristotle's "special topics" in rhetorical practice and pedagogy. In: *Rhetoric Society Quarterly*. XVII, 1987. p. 61-71.
- _____. Rhetoric and Community: the problem of the one and the many. In: ENOS, Theresa and BROWN, Stuart C. 1993. *Defining the new rhetorics*. London: Sage Publications. p. 79-94.
- _____. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, Aviva & MEDWAY, Peter. 19994. *Genre and the new rethoric*. UK/USA: Taylor & Francis Publishers. p. 67-78.
- SCHNEUWLY, Bernard. 1994. Gêneros e tipos de textos: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: Y. Reuter (ed) *Les Interactions Lecture-Écriture* (actes du Colloque Théodile-Crel). p. 155-173. Bern: Peter Lang. (trad. de Roxane Helena Rodrigues Rojo).
- SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. *Les genres scolaires. Des pratiques langagières aux objets d'enseignement*. Disponível em: http://www.cndp.fr/zeprep/oral/articles/art_bs.htm. Acesso em março de 2003.

- SWALES, John M. 1990. *Genre Analysis*: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1992. *Re-thinking genre*: another look at discourse community effects. Apresentado no “Re-thinking Genre Colloquium, Universidade de Carleton, Ottawa, abr. [Tradução de Benedito Gomes Bezerra – Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva].
- _____. 2003. *Academic Writing for Graduate Students*. 2nd. ed. (Unit Five) Writing Summaries. (por e-mail).